

Ⓞ Meu Melhor

Presente

de Natal

O Meu Melhor Presente de Natal

José Lopes Penleado

Autor: José da Conceição Lopes Penteadó

Capa e Contra Capa: José da Conceição Lopes Penteadó

© : José da Conceição Lopes Penteadó

Depósito Legal: 522 958/23

ISBN: 978-940-37-1329-8

Impresso por Bookmundo

Edições Jotapê

Prefácio

Este texto foi escrito pelo próprio Zé, um dos protagonistas desta história, e em total segredo, algum tempo antes do Natal de 2021, com a intenção de o ler como uma surpresa, e fazendo dessa surpresa um presente de Natal para todos os presentes nesta mesma noite da Consoada deste ano de 2021.

No final do jantar de Natal, e ainda todos reunidos à mesa como era habitual nesta data festiva, este texto seria lido pelo próprio Zé, na presença da Suzette, a protagonista desta história, do Tiago, filho de ambos, da Alexandra, (Xana), mulher do Tiago, e dos netos, Diogo e Carolina, a que se seguiria um brinde entre todos os presentes. As também netas, a Inês e a Constança, que habitualmente passam esta quadra festiva na companhia da outra família, terão oportunidade de mais tarde também poderem ouvir, ou pelo menos ler, esta história.

E porquê nesta noite de Natal de 2021?

Porque nesta noite de Natal, faria exatamente 50 anos que esta linda história começou, que o Zé e a Suzette se conheceram. Seria uma forma de assinalar, festejar e homenagear os protagonistas desta bonita e duradoira história de vida e de amor, na passagem deste quinquagésimo aniversário.

Seria ainda proposto aos netos que, caso daqui a uns anos se viessem a lembrar, pudessem também eles ler esta história aos seus próprios netos na noite de Natal do ano de 2071, noite em que fará 100 anos que tudo começou também para eles próprios.

Mas o Destino encarregou-se de nesta noite, que deveria ser de festa, pregar-lhes uma partida, quiçá com alguma ironia, e colocar alguns obstáculos que obrigaram a Suzette a ter de ser transportada para o hospital onde acabaria por ficar internada e ali teria de passar,

não só esta noite e dia de Natal, como os quatro dias seguintes que incluíram o dia de aniversário dela.

Após ter recebido alta hospitalar, acabaria por regressar a casa já no dia 29 de Dezembro, regresso esse aproveitado por todos para a habitual troca de presentes de Natal.

E foi neste final de tarde, princípio da noite que, no final desta troca de presentes, o Zé, aproveitando o facto de estarem todos presentes, pediu um pouco de atenção porque tinha uma surpresa preparada para todos.

E o Zé começou então a *desembrulhar* este presente e a ler esta história que a todos deixou estupefactos, surpreendidos que estavam com esta atitude tão inesperada como comvente por parte do Zé.

E o impacto foi tão grande que, no final, todos comovidos e de *lágrima no olho*, logo fizeram questão de, não só agradecerem aqueles momentos tão comoventes e que para eles, depois de receberem o melhor presente que foi o regresso da Suzette a casa, esta leitura acabou por ser o segundo melhor presente daquela noite.

E todos apelaram e incentivaram o Zé a tentar partilhar e publicar em livro esta linda história de vida e de amor.

E respondendo à vontade de todos, e porque se trata de uma obra de rápida e fácil leitura, destinada a todas as idades, e onde avós, pais, filhos e netos encontrarão certamente pedaços das suas próprias vidas, o Zé decidiu então avançar para a publicação desta obra.

De assinalar desde já, que o Zé não se considera um escritor, e como toda esta obra foi escrita, editada e paginada pelo próprio Zé, incluindo a capa e contracapa, e sem qualquer apoio profissional, aqui poderão ser detetados alguns erros, tanto gramaticais como de sintaxe, o que, a acontecer, se espera não serem impeditivos de uma boa e correta interpretação de toda esta história.

Ⓞ Meu Melhor Presente de Natal

Esta é uma história de Natal que começou há muitos anos entre um jovem cavalheiro, a quem à nascença deram o nome de **José**, e uma jovem donzela a quem à nascença batizaram com nome de **Suzette**.

Numa certa noite de Natal, o José, Zé como era conhecido, jovem na casa dos 20 anos, estava em sua casa juntamente com a sua irmã, que dentro de 2 meses completaria 14 anos, e da mãe de ambos, que há 2 dias havia completado 13 anos de solidão e amargura.

Há 13 anos que esta mulher, **Maria** de seu nome, e então com apenas 42 anos de idade, **abdicara completamente de ser mulher para ser apenas filha e mãe.**

E tudo isto devido à sua precoce viuvez.

Filha para cuidar dos seus próprios pais e dos seus sogros, todos já septuagenários.

Mãe para criar os seus três filhos, então ainda menores. Um rapaz, Amândio de seu nome, e que daí a cerca de um mês completaria 14 anos, o José com sete anos e meio, e a Almerinda, ainda bebé, com apenas 10 meses de idade.

Mais nada importava para **Maria**.

Era, portanto, uma noite de Natal triste como todas as outras 12 noites de Natal anteriores.

Ainda assim, **Maria**, a mãe de José, esforçava-se por disfarçar a amargura que a consumia por dentro e tentava a todo o custo proporcionar aos filhos uma noite de Natal o menos triste possível mantendo um pouco das tradições.

Eram cerca de 9 horas da noite.

Tinham acabado de jantar uma pequena posta de bacalhau, do mais barato, dividida pelos três, e acompanhada por um ovo cozido, batatas e couves também elas cozidas, como era tradição.

Maria, a mãe do José preparava-se para dar início a outra pequena tradição.

E lá estava ela, sentada num pequeno banco, velhinho de tanto uso, junto ao lume da lareira, sem vontade alguma e sem alegria, tentando a todo o custo conter as lágrimas e a tristeza que a consumia por dentro, ao mesmo tempo que tentava abafar a dor que sentia naquele coração tão apertado e dorido que estava, para, e mais uma vez, tudo tentar fazer para proporcionar aos filhos um pouco do espírito de Natal.

Sentada naquele pequeno banco, junto aquela lareira, com uma fogueira bem acesa e de onde brotava algum calor que também ia aquecendo a casa, e com uma frigideira em cima das brasas, também ela velhinha de tanto uso e esperando um dia ser substituída, algum óleo ali aquecia.

Ao lado e no chão, um pequeno alguidar de barro, tapado com um velho cobertor, guardava e abafava a massa que Maria já havia preparado antes do jantar e ali se encontrava a levedar depois de benzida por **Maria** com as preces tradicionais. E a **Maria**, esta triste mulher, mas sempre uma dedicada, lutadora e super-mãe, preparava-se para começar a fazer as tradicionais filhoses de Natal.

Entre estas filhoses, certamente não iriam faltar uns bonecos feitos com a mesma massa, para de madrugada colocar nos sapatinhos dos filhos juntamente com talvez um par de meias.

Entretanto, e no meio de tudo isto, neste ambiente algo nostálgico e muito triste, o José, pareceu-lhe ouvir uma voz a chamá-lo para ir ao quarto dele, o que ele assim fez.

Chegou ao quarto, sentou-se na cama, olhou para todo o lado e tentou perceber o que se passava.

Passados poucos segundos, começou a ouvir uma voz, mas não via ninguém.

José, não te assustes.

Eu sou o teu Anjinho da Guarda e estou aqui também para desempenhar o papel de Pai Natal. Tenho um presente de Natal muito especial para ti.

Veste-te, arranja-te bem, e vai até ao baile na Chainça.

Meu Anjo da Guarda, desculpa, mas mais logo eu quero ir com a minha mãe e a minha irmã à missa do galo, disse o José.

Não te preocupes. Vais ao baile, estás lá só um bocado e depois regressas.

E o José assim fez.

Vestiu-se com a melhor roupa que tinha, arranjou-se o melhor que podia, disse à mãe que já voltava, e foi até ao baile na Chainça, a cerca de dois quilómetros de sua casa, na expectativa do que iria acontecer.

Entretanto, e por volta da mesma hora, a donzela Suzette, que tinha ido passar o Natal a Abrantes a casa dumas amigas, encontrava-se no quarto, muito maldisposta e agoniada, quando também ela começou a ouvir uma voz.

Suzette, não te assustes.

Eu sou o teu Anjinho da Guarda e estou aqui também para desempenhar o papel de Pai Natal.

Tenho um presente de Natal muito especial para ti.

Levanta-te, e arranja-te. Sei que já és muito bonita, mas põe-te mais bonita ainda, e vai com as tuas amigas ao baile à Chainça.

E a Suzette, tão maldisposta e agoniada que se encontrava, um pouco contrariada assim fez.

Arranjou-se, pôs-se ainda mais bonita do que já era, e foi com as amigas até ao baile na Chainça, uma pequena aldeia a cerca de dois ou três quilómetros de Abrantes.

A Suzette e as amigas, ao chegarem ao salão de baile, entraram e colocaram-se num canto do salão à esquerda a ouvir a música e deitando o olho aos presentes.

Um pouco depois de terem entrado, a Suzette ouviu novamente uma voz ao seu ouvido.

Era o Anjinho da Guarda dela a dizer-lhe:

Vira-te e olha para a porta de entrada.

E a Suzette assim fez.

Olhou para a porta de entrada e ficou encantada.

Nem acreditava no que os seus olhos viam.

Estaria a sonhar ou tinha acabado de entrar por aquela porta o sonho dela de criança? Um rapaz alto, loiro e bem parecido.

E disse para a Francelina, uma das amigas dela:

Olha que rapaz tão interessante acabou de entrar.

Quem? Perguntou a Francelina.

Aquele rapaz alto e loiro, respondeu a Suzette.

Aquele é o Zé, um rapaz que eu conheço bem. Vou chamá-lo, disse a amiga.

E a Suzette ficou um pouco atrapalhada sem saber bem o que fazer ou dizer.

A Francelina levantou a mão fazendo sinal ao dito rapaz que, entretanto, tinha ouvido o seu Anjinho da Guarda a dizer-lhe para olhar para a esquerda.

Este rapaz, que era o Zé, olhou para a esquerda e viu a Francelina a chamá-lo.

O Zé, cavalheiro e bem-educado que era, ainda que muito tímido e introvertido, dirigiu-se então para junto da Francelina que ele também conhecia.

Depois de se cumprimentarem, disse a Francelina:

Zé, apresento-te a minha amiga Suzette.

Suzette, apresento-te o meu amigo Zé.

O Zé, ainda que muito envergonhado, mas sempre cavalheiro e educado, olhou bem para a Suzette, e por momentos ficou quase sem fala e sem reação. Estava a ser apresentado a uma das mulheres mais bonitas que já tinha visto. Até pensou que devia estar a sonhar.

Olá, sou José Penteado, muito prazer em conhecê-la.

E a Suzette igualmente se apresentou, dizendo qualquer coisa como:

Olá, sou a Suzette, muito prazer em conhecê-lo também.

Deve ter sido mais ou menos isto que a Suzette disse.

O Zé ficou tão atarantado, e tão deslumbrado com a mulher tão bonita que tinha à sua frente, que nem a música ouvia, nem o que ela dizia.

Aquela cara tão bonita.

Aqueles olhos tão lindos, meigos e algo brilhantes, talvez de felicidade ou deslumbramento.

Que olhar tão doce.

Aquele sorriso, meio tímido, meio envergonhado, mas todo ele lindo como o Zé nunca tinha presenciado, e logo dirigido a ele.

A Suzette era uma autêntica bonequinha.

Era uma princesinha que o Zé tinha à sua frente.

Baixinha, magrinha, simpática, lindíssima. Toda ela perfeitíssima.

Tudo isto foi interrompido por momentos quando a orquestra se preparava para recomeçar a tocar, e a Francelina, percebendo o que se estava passar, interveio e disse:

Zé, a Suzette gostava de ir dançar. Importas-te de ir dançar com ela?

O Zé nem acreditava no que lhe estava a acontecer. E mais uma vez pensou que devia estar a sonhar. Aquilo não lhe estava a acontecer. Beliscou-se e, era mesmo real.



O Zé recompôs-se, e como cavalheiro, logo disse:

Claro que sim, com todo o gosto.

Então o Zé pegou na mão da Suzette, qual D. Quixote acompanhando a sua Dulcineia, e acompanhou-a até à pista de dança.

Aí chegados, o Zé colocou a sua mão direita na cinturinha daquela bonequinha, enquanto a mão esquerda do Zé segurava delicadamente a mão direita da Suzette.

O Zé, todo ele tremia.

Mesmo assim, e antes de acompanharem a música que havia começado, o Zé com a sua voz um pouco embargada pela emoção que sentia, ainda conseguiu dizer mais ou menos isto:

Suzette, peço muita desculpa, mas não sou grande dançarino. No entanto irei tentar dar o meu melhor e não lhe dar nenhuma pisadela.

E ela, timidamente, e ainda um pouco corada, sorriu com aquele sorriso tão lindo.

E começaram a dançar ao som daquela música que os embalava e transportava para o espaço sideral.

Seria uma valsa?

Seria uma balada?

Não importava o género musical.

O que naquele momento era importante é que era uma melodia que os estava a transportar para lá das nuvens.

Pelo menos o Zé assim o sentia.

Passado o impacto daqueles primeiros momentos, o Zé percebeu que afinal não estavam sozinhos, tantos eram os olhares incrédulos e de espanto dirigidos a eles por verem o bem conhecido Zé “**sardento**”, o Zé “**ruço má pelo**” e “**maltrapilho**”, a dançar com uma rapariga tão bonita.

Convém referir que naquela época, os rapazes com sardas na cara ou cabelo loiro, como era o caso do Zé, não tinham grande

aceitação nas pessoas, particularmente nas raparigas, que se afastavam dos rapazes com estas características. Os rapazes loiros eram chamados de **“ruço má pelo”**. Até chegavam a dizer, em tom pejorativo, **“ruço má pelo, quer casar e não tem cabelo”**.

E o Zé, tão traumatizado ficou desde criança por causa destas observações, que nunca conseguiu ultrapassar isto.

Mas, estranhamente, isso agora não importava para o Zé.

Agora era o momento para desfrutar da felicidade que o havia visitado.

Pouco depois de começarem a dançar, então o Zé, mais uma vez como cavalheiro que era, resolveu meter alguma conversa, mas sem saber bem como começar.

Arriscou e perguntou à Suzette se era da família da Francelina.

E a Suzette, sempre com aquele sorriso lindo, disse que não. Apenas tinha ido passar o Natal a Abrantes a casa duma amiga, que era irmã do marido da Francelina. E acabou por dizer que a irmã dela, da Suzette, era casada com um irmão do marido da Francelina.

E o Zé, apesar de ainda estar um pouco nervoso e envergonhado, ainda conseguiu raciocinar e chegou a uma conclusão que a ambos fez rir.

Concluiu o Zé que, a irmã da Suzette é casada com o Francisco, que é irmão do Fernando casado com a Francelina, que por sua vez é irmã da Maria José que é casada com o Amândio que é irmão do Zé. Isso mesmo. Irmão do Zé que está aqui a dançar com a Suzette, que é irmã da Virgínia casada com Francisco, irmão do Fernando, casado com a Francelina, que é irmã da Maria José, casada com Amândio, que é irmão deste Zé.

Até parecia que se estava aqui a completar e a fechar um ciclo.

Realmente este mundo é mesmo muito pequeno e o Destino prega-nos estas partidas. Quiçá até, com alguma ironia.

Toda esta história até acabou por quebrar um pouco o nervosismo que deles se apoderava.

E ficaram um pouco mais descontraídos e a desfrutar da música que, entretanto, os embalava e mantinha nas nuvens onde sonhavam.

Mais à frente, e no seguimento de mais alguma conversa, a Suzette acabou por dizer que era natural dos Envendos, Mação, e que morava na Amadora com os pais, a irmã, o cunhado e o sobrinho, e que trabalhava em Lisboa.

E aqui chegados, um balde de água fria.

Se ela mora na Amadora e trabalha em Lisboa, isto significa que estamos separados por cerca de 150 quilómetros o que torna a nossa aproximação quase impossível, pensou o Zé.

E aí, o Zé ouve uma voz no seu ouvido esquerdo a rir-se às gargalhadas.

Só podia ser o “mafarrico”, o diabo, o anjo do mal.

Acorda para a vida, ouvia o Zé.

O que é que esperavas?

Não vias logo que isto era areia de mais para a tua camioneta?

Achavas mesmo que um qualquer Zé sardento e ruço má pelo como tu, iria ter esta sorte?

Reduz-te à tua insignificância, Zé maltrapilho.

E aí o Zé desceu à terra.

Quando acabou a música, o Zé foi-se embora.

Ainda hoje não se lembra bem do que aconteceu.

Será que se sentiu mal?

Será que ficou maldisposto?

Ou será que estava a ficar tarde e lembrou-se da mãe e da irmã que estavam sozinhas em casa na noite de Natal e ainda queriam ir à missa do galo?

O Zé não se lembra do que aconteceu.

Na manhã seguinte, o Zé ouviu a voz do seu Anjinho da guarda no seu ouvido direito.

Então Zé, gostaste do meu presente de Natal?

Era gira não era?

E o Zé, muito chateado e maldisposto, disse:

Cala-te.

Também tu a gozar com a minha cara?

Só podes estar a brincar.

Dás-me um presente de Natal tão bom e depois tiras-mo?

Como é que eu alguma vez posso chegar a ela com esta distância a separar-nos?

Não bastava eu ter o especto que tenho, com sardas na cara e um cabelo ruço, e ainda levas a minha Dulcineia para tão longe?

Não quero ouvir mais nada.

E tapou os ouvidos antes que viesse também o mafarrico.

Mas ainda conseguiu ouvir ao de leve o seu Anjinho da Guarda a dizer qualquer coisa como:

Zé, a semente está lançada. O fruto um dia virá.

Pouco depois, e como era dia de Natal, de manhãzinha, e junto à lareira, lá estava o sapatinho do Zé. E como habitualmente, um par de meias acompanhadas por um boneco feito com a massa das filhoses, com muito amor e carinho, na noite anterior pela sua mãe.

Passaram alguns meses quando, por alturas da Páscoa, o Zé encontrou novamente a Francelina.

Então Zé, estás bom? Perguntou a Francelina.

Sabes quem é que tem perguntado por ti?

A minha amiga Suzette. E manda-te um beijinho.

Aí o Zé tremendo de emoção, retribuiu, perguntando pela Suzette e enviando também um beijinho.

Um beijinho?